



Contribuições de Hilton Pereira da Silva para a Bioantropologia na Amazônia

Contributions of Hilton Pereira da Silva to Bioanthropology in the Amazon Region

Entrevistado

Hilton Pereira da Silva

Universidade de Brasília- UNB

Entrevistadora

Ana Carolina Brito de Azevedo¹

Universidade Federal do Pará- PPGA

anacarolinabrito020@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-6033-0058>

1. APRESENTAÇÃO

Hilton Pereira da Silva se formou em 1990 em Ciências Biológicas e logo depois em Medicina, em 1991, ambas pela Universidade Federal do Pará. Possui dois mestrados, um em Antropologia pela The Penn State University e outro em Saúde Pública na Yhe Ohio State University, onde fez seu doutorado em Antropologia e Bioantropologia. Criou e coordenou o Laboratório de Estudos Bioantropológicos em Saúde e Meio Ambiente (LEBIOS/CNPq). Desde 2021 está vinculado ao Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares (CEAM) e a Faculdade de Medicina (FM) da Universidade de Brasília (UnB). É membro da Associação Latino-Americana de Antropologia Biológica (ALAB) e da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Tem experiência nas áreas de bioantropologia, saúde coletiva e medicina, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, África, evolução e adaptabilidade humana, ecologia humana, antropologia biológica e meio ambiente, antropologia da saúde, grupos quilombolas, Unidades de Conservação, Determinantes Sociais de Saúde, doenças crônicas, políticas públicas de saúde, saúde de populações rurais, saúde da população negra, antropologia visual, antropologia forense. Atualmente é Professor na Universidade de Brasília e na Universidade Federal do Pará.

¹ Doutoranda e Mestra em Antropologia, na área de concentração de Bioantropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará (PPGA/IFCH/UFPA).



Figura 1 – Professor Dr. Hilton Pereira da Silva. Fonte: Hilton Pereira da Silva – 2025.
Nota para todos verem: Homem de terno e gravata, usando óculos de grau em fundo verde.

2. ENTREVISTA

Ana Azevedo - Como a Bioantropologia entrou na sua vida acadêmica?

Hilton da Silva - No meu caso, a bioantropologia resultou de minha insatisfação com a medicina convencional, minha aproximação com a biologia, decorrente dessa insatisfação, minha curiosidade eterna sobre evolução humana e a oportunidade de conhecer e trabalhar com Walter Neves, quando este esteve como pesquisador do Museu Paraense Emílio Goeldi e lá criou o Laboratório de Ecologia Humana. Eu lhe pedi para participar de um curso de especialização em evolução humana que ele veio ministrar. Eu estava ainda na graduação, mas como já conhecia sobre o tema mais que a maioria dos inscritos, ele me deixou participar. Depois me convidou para estagiar no laboratório. Lá fiz meu TCC de Licenciatura em Biologia, aprendi sobre cronobiologia, que levou ao estudo de cronomedicina para o meu TCC de medicina e também para o concurso de bolsas da Fundação Fulbright, no qual eu fui primeiro aprovado no campo da ecologia humana na Amazônia.

Ana Azevedo - Como se deu a decisão de sair do Brasil e ter uma formação no exterior, ainda na década de 1990?

Hilton da Silva - Após estagiar no Museu por cerca de três anos e começar a conhecer a produção científica internacional já era grande a vontade de continuar na vida acadêmica e fazer um mestrado. Acredito que a experiência e o incentivo do Walter me deram a confiança necessária para ter a coragem de me candidatar para fazer pós-graduação no exterior. Naquela época (final dos anos 1980), no Pará, fazer mestrado ou doutorado significava ir para São Paulo, ou o Rio de Janeiro, onde a maioria dos nossos professores da UFPA haviam estudado. E mesmo entre estes, muitos tinham apenas o mestrado ou alguma especialização. No caso da medicina, poucos tinham doutorado. Eu conhecia o Ricardo Azevedo, amigo da biologia, que tinha ido fazer mestrado na USP, e quando fui fazer um curso de cronobiologia no Instituto de Biociências, passei uns dias com ele e pude conhecer um pouco sobre a vida de um mestrando. Quando apareceu a oportunidade dos editais, eu me inscrevi no da Fulbright e no do CNPq. Escrevi as cartas de aplicação e fui aceito na Penn State e na University of Colorado, nos EUA, e em Cambridge, na Inglaterra. Meu sonho era ir para a lá. Mas o processo seletivo da Fulbright foi mais rápido e como ele só valia para universidades nos EUA, pelo sim, pelo não, eu escolhi a Penn State, onde lecionava o Paul Baker, um dos fundadores da Biologia Humana, e para lá eu fui. Ao chegar, descobri que ele havia se aposentado e mudado para o Havaí. Depois que estava lá saiu a bolsa do CNPq. Mas eu já havia resolvido ficar para conhecer a antropologia nos quatro campos. O período na Penn State foi conturbado, pois o departamento de antropologia estava passando por uma enorme mudança, de uma tradição de décadas nos estudos bioecológicos sobre adaptabilidade humana conduzidos pela equipe do Paul Baker, para os emergentes estudos de genética evolutiva, coordenados pelo Mark Stoneking e o Kenneth Weiss. Eu fui acolhido primeiro pelo Stephen Beckerman um antropólogo cultural e depois pelo Robert Eckhardt, que continuava a trabalhar com os dados do Paul Baker. Com ele fiz minha dissertação, sobre estresse ambiental e crescimento entre os Quechua do Peru. Uma parte da dissertação foi apresentada no congresso da Associação Americana de Antropologia Física em Las Vegas e lá conheci o Douglas Crews, que havia sido orientando do Baker. Ele me convidou para fazer o doutorado na Ohio State University, em Columbus com uma bolsa da universidade. Eu aceitei. Na OSU como já havia feito muitas matérias de antropologia, eu peguei disciplinas de saúde pública e com isso acabei fazendo um segundo mestrado. Para o doutorado eu trabalhei com questões crescimento nutrição e saúde em populações ribeirinhas da Amazônia, tema que era também de interesse do Doug e tinha financiamento do CNPq.

Ana Azevedo - Na sua volta para o Brasil, você foi expoente da consolidação da Bioantropologia no Brasil e na Amazônia, como aconteceu esse percurso?

Hilton da Silva - Acho que foi em 1998 que eu fiquei sabendo pelo Ricardo Ventura Santos que haveria um concurso para professor de antropologia biológica no Museu Nacional. Eu me inscrevi e fui aprovado no concurso. Eu não conhecia o Departamento de Antropologia do Museu, mas ao estudar para o concurso fiquei feliz em saber que era o único departamento no Brasil que tinha os 4 campos da antropologia, herança de sua formação original no início do século XX. No Setor de Antropologia Biológica, que coordenei por alguns anos, tivemos a oportunidade de começar a pensar a possibilidade de (re)construir esse campo no Brasil e começamos a sonhar em criar um programa de pós-graduação em antropologia que tivesse os 4 campos. Tentamos durante muitos anos junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social criar uma área ou uma linha de pesquisa em antropologia biológica, mas, para alguns colegas, isso poderia talvez comprometer a nota máxima da CAPES que o programa mantinha, já que que não havia experiência similar no Brasil. Como alternativa, ajudamos a criar o Programa de Pós-graduação em Arqueologia do Museu, mas no final este também incorporou a Antropologia Biológica apenas como uma ênfase e uma das linhas de pesquisa. Foi então que surgiu o convite para ser Professor Visitante na UFPA, em 2007. Na UFPA havia um grupo de docentes interessado em criar um novo programa de pós-graduação em antropologia e juntos convencemos a CAPES de que havia lugar para um programa de 4 campos no Brasil, então construímos o PPGA, que até os dias atuais ainda é o único programa de antropologia no Brasil a oferecer três áreas de concentração, e também disciplinas de linguística antropológica. Infelizmente ainda não conseguimos concretizar esta quarta área. Mas, eu acredito que isto é possível.

Ana Azevedo - Você é professor na área de Medicina, Saúde Coletiva, Nutrição, Direito. Quais contribuições você leva da Bioantropologia para esses campos disciplinares?

Hilton da Silva - Hoje penso que a antropologia, além de uma disciplina de conhecimentos muito amplos, é também uma espécie de “caixa de ferramentas”, que nos instrumentaliza para investigar, compreender e lidar com os desafios do que é ser Humano. Portanto, eu penso que todos os cursos, desde o ensino fundamental, deveriam ter componentes obrigatórios de antropologia. Embora atualmente os currículos das séries iniciais se dediquem um pouco mais aos aspectos humanos e ambientais na geografia, na história, nas ciências naturais, e haja até um pouco sobre evolução humana, há grande carência de formação sobre a sociobiodiversidade humana e suas implicações para nossas relações ecológicas com o planeta.

Nas disciplinas que ministro procuro fazer essas conexões, desde nosso passado hominíneo mais distante, através do olhar da paleoantropologia, até o presente das mudanças climáticas globais e das transições epidemiológica e nutricional, através do olhar da ecologia humana e da medicina darwiniana. Acredito que compreender a história

evolutiva de nossa espécie, que é ao mesmo tempo singular e comum, ajuda muito a entender os nossos problemas contemporâneos, sejam eles de saúde, de alimentação e nutrição, de Direitos Humanos, ou de relações sociais. Como o *Homo sapiens* é resultado de processos evolutivos bioculturais, então nada escapa da antropologia, sobretudo se somos capazes de compreender o quanto cada parte do biológico e do cultural influencia o que e como fazemos as coisas, das ferramentas de pedra ao complexo ideal de democracia.

Ana Azevedo - O que é necessário para ser um Bioantropóloga/a?

Hilton da Silva - Todas as pessoas que conheço que trabalham no campo da bioantropologia têm enorme curiosidade sobre de onde viemos, sobre todos a sua volta, sobre o que nos fez, ou faz, humanos, sobre como a nossa experiência biocultural nos aproxima ou afasta dos outros animais e sobre como nos tornamos a única espécie de homínido no planeta, entre muitas outras questões.

Bioantropólogos/as podem até se aposentar, mas jamais deixam de pesquisar e tentar entender o fenômeno Humano.

Ana Azevedo - Atualmente, como você observa o campo da Bioantropologia na Amazônia? E no Brasil?

Hilton da Silva - A bioantropologia é um campo fascinante, múltiplo e que oferece um enorme leque de possibilidades. Em um de nossos panfletos de anúncio do PPGA, que está no blog da bioantropologia na Amazônia chegamos a listar mais de 20 possíveis áreas de atuação de pessoas com formação em bioantropologia. Desde a docência no ensino médio em disciplinas de história e biologia, dependendo da formação na graduação, até consultorias para organismos internacionais de saúde, de nutrição e alimentação e/ou de Direitos Humanos, em Institutos Médico-legais e em centros de pesquisa sobre biodiversidade, o profissional com capacitação neste campo tem a formação necessária para transitar entre as ciências sociais e humanas e as ciências biomédicas para fortalecer equipes multidisciplinares e ajudar a resolver problemas complexos.

Nossos egressos do PPGA são um bom exemplo disso, pois temos colegas mestres e doutores que atuam ou já atuaram em diversas dessas atividades mencionadas anteriormente, alguns no setor público, outros no setor privado. Todos e todas usam os aprendizados da bioantropologia cotidianamente em suas atividades, seja como base teórica para compreender os problemas e desafios que enfrentam, seja como base prática, para interpretar a realidade de suas funções e atuar sobre elas.

No entanto, embora tenhamos conseguido enormes avanços no campo da bioantropologia nas últimas duas décadas, com reconhecimento no Brasil, como no

documento de área de antropologia da Capes e na abertura de concursos específicos em algumas universidades; bem como no exterior, através de nossas publicações nos principais periódicos da área e na participação e promoção de eventos internacionais, acho que ainda temos um longo caminho para a consolidação do campo por aqui. Precisamos de mais docentes de bioantropologia no PPGA, de mais programas de pós-graduação com áreas de concentração e linhas de pesquisa de bioantropologia, e da introdução da bioantropologia nos currículos da graduação em antropologia e ciências sociais no Brasil.

Por outro lado, isso significa que ainda há muito espaço para crescer e que haverá, se isso for construído, muitas oportunidades para quem deseja ingressar no campo. E isso é bom para os nossos estudantes e egressos.

Quando criamos o PPGA, um dos argumentos principais para a formação nos diversos campos da antropologia foi o de que a Amazônia só poderá ser compreendida se levarmos em conta toda a sua sociobiodiversidade, desde a formação deste imenso bioma, no antes do início do holoceno, até o seu longo e complexo processo de ocupação humana, que se deu no mesmo período e continua até hoje. Sem o olhar cuidadoso da arqueologia para as nossas origens, sem as ferramentas biomédicas da bioantropologia para compreender as relações ecossistêmicas humanas ao longo dos milênios, sem os conhecimentos sobre a diversidade linguística dos povos originários, e sem a análise político-filosófica de todos os processos históricos pela antropologia social, a compreensão do Fenômeno Amazônia será sempre incompleta. Por isso o PPGA e os estudos de antropologia, em todos os campos são tão importantes para nossa região.

Agradecimentos

Agradeço a disponibilidade e gentileza do Professor Dr. Hilton Pereira da Silva em responder as minhas perguntas.

Recebido em 06 de junho de 2025.

Aceito em 10 de junho de 2025.